



ENSINO DE GEOGRAFIA E DIÁLOGO: o caso do projeto de educação comunitária integrar

Suelen Santos Mauricio
suelensmauricio@hotmail.com

Licenciada em Geografia e Mestranda em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Santa Catarina (FAED/UDESC). Endereço: Av. Madre Benvenuta - 2007. Bairro Córrego Grande. CEP 88035-901. Florianópolis/SC

Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins
rosamilitzgeo@gmail.com

Professora do Departamento de Geografia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Santa Catarina (FAED/UDESC). Endereço: Rua João Pio Duarte Silva, 114, ap. 603 - Bloco A. Bairro Córrego Grande. CEP 88037-000. Florianópolis/SC

RESUMO

Neste artigo encontram-se reflexões acerca de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Geografia Licenciatura da FAED/UDESC, realizada no ano de 2015 sobre ensino de geografia em um espaço não-escolar na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. O caso estudado foi em curso de pré-vestibular social, chamado Projeto de Educação Comunitária Integrar localizado em Florianópolis/SC. O público alvo da pesquisa foram estudantes de baixa renda que já concluíram o ensino médio e buscam adentrar em universidades públicas. O objetivo da pesquisa foi analisar a influência das aulas de geografia na visão de mundo e sociedade destes/as estudantes. Buscando assim conhecer a proposta do Projeto Integrar e a proposta das aulas de geografia, bem como, discutir a respeito da geografia do Lugar, e apresentar a pesquisa realizada com os/as estudantes do Integrar sobre a geografia percebida no seu cotidiano, pensada e vivida, a partir da Educação geográfica que ocorre neste espaço. O estudo foi realizado através da participação da autora nas aulas de geografia e de relatos da turma. A partir dos resultados da pesquisa, percebemos que há uma grande influência das aulas de geografia do Integrar no modo de pensar dos estudantes e na consciência de suas atitudes no dia-a-dia, pois todos afirmam que houve uma influência com alguma intensidade; nas relações interpessoais, na comunidade, no trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de geografia. Projeto de Educação. Comunitária Integrar.

**GEOGRAPHY OF EDUCATION AND DIALOGUE:
the education project case the community to integrate.**

ABSTRACT

In this article are reflections on a survey of Work Geography Course Course Completion Degree of faed / UDESC held in 2015 on geography teaching in a non-school environment in the form of Youth and Adult Education. The case study was ongoing social pre-university, called Community Education Project Integrating located in Florianópolis / SC. The target audience of the research were low-income students who have completed high school and seek to enter into public universities. The objective of the research was to analyze the influence of geography classes in worldview and society of these / the students. Thus seeking to meet the proposed Integrating Project and the proposal of geography classes, as well as to discuss about the site geography, and present the survey of the / the students integrate on geography perceived in their daily life, thought and lived from the geographical Education occurring in this space. The study was conducted through the participation of the author in geography classes and class reports. From the search results, we realized that there is a great influence of geography classes of Integrating the thinking of the students and awareness of their attitudes in day-to-day, for all claim that there was an influence to some degree; in interpersonal relationships, in the community, at work.

KEYWORDS

Geography Education. Community Education. Project Integrate.

Introdução

Este artigo tem como principal objetivo apreender em que medida há ou não uma influência das aulas de geografia realizadas no Projeto de Educação Comunitária Integrar na visão de mundo e de sociedade dos estudantes que vivem aquele processo educativo em busca da aprovação nos vestibulares das universidades públicas da região. Neste sentido, será apresentado o Projeto Integrar e sua proposta com as aulas de ciências humanas, em que a geografia está inserida. Após esta primeira parte, será iniciada a apresentação e análise da pesquisa realizada com os estudantes e posteriormente as reflexões pertinentes.

Projeto Integrar

O Integrar surgiu em agosto de dois mil e onze como um movimento de educadores/as ativistas/militantes pela Educação popular para o público dos trabalhadores/as, com o objetivo de atender jovens e adultos trabalhadores/as que se

encontram em situação de vulnerabilidade social, com a finalidade de promover sua inclusão nas universidades catarinenses. (ROCHA e MARTINS, 2014).

Rocha e Martins (2015) destacam que as experiências da prática docente do professor de geografia na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) dentro do Projeto de Educação Comunitária Integrar, faz parte do movimento brasileiro do debate das Políticas de Ações Afirmativas, na qual possibilita através das políticas de cotas a inserção de estudantes trabalhadores de escolas públicas, negros e indígenas às universidades públicas, neste caso em particular na UFSC, UDESC, e o IFSC¹. Portanto, o Integrar busca incluir sujeitos historicamente e economicamente excluídos da Educação superior pública, como a própria denominação deste projeto indica.

Entretanto, esta não é a única proposta nem o único objetivo do Integrar, pois ele busca também educar sujeitos para uma “formação crítica, despertando nos estudantes o exercício da cidadania, onde possam ter maior intervenção social², e serem mais atuantes nos seus lugares de vivências, como o local de trabalho, a comunidade, os espaços escolares, e nas universidades.”(ROCHA e MARTINS, 2014, p. 02).

Para que um indivíduo consiga uma vaga no Integrar é necessário fazer a inscrição no site dentro do período estabelecido para isso. Deve preencher os dados pessoais e responder diversas questões em relação à condição socioeconômica, escolaridade, etc. Após esta etapa, há uma seleção para identificação dos sujeitos trabalhadores que possuem baixa renda e vulnerabilidade social, como negros, indígenas, pessoas mais velhas, estudantes de escolas públicas, desempregados e etc. Após isso, os pré-selecionados são convocados para uma entrevista, onde são avaliados por uma banca composta por três educadores/as do Integrar que participaram do processo de capacitação para entrevistarem os candidatos às vagas. Por último, os selecionados têm seu nome divulgado no site e podem iniciar o curso.

Considerando o direito à escolaridade para todos e a impossibilidade de muitos permanecerem nas escolas e posteriormente nas universidades devido às desigualdades sociais, necessidade de trabalhar, e diversos outros motivos inerentes ao sistema capitalista, o Integrar “se une na luta pela democratização do ensino no Brasil, atendendo ao público de EJA, no atendimento da formação continuada, daqueles

¹ UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina; UDESC: Universidade do Estado de Santa Catarina; IFSC: Instituto Federal de Santa Catarina.

² Entende-se aqui por intervenção social a atuação do sujeito na sociedade, onde sua intervenção traga benefícios para um grupo de pessoas, ou seja, para a coletividade, ao contrário de uma atuação que visa meramente o benefício exclusivamente individualista. Um exemplo disso é a luta por direito à universidade pública para todos.

estudantes trabalhadores que querem continuar seus estudos, buscando o ingresso na universidade".(ROCHA e MARTINS, 2014, p. 03).

No Integrar encontram-se diferentes atividades e práticas integradoras para os/as estudantes permanecerem no curso, como saídas de campo, aulas temáticas, encontros de socialização, atendimento psicológico gratuito, monitores disponíveis nas aulas e em outros horários, tanto na escola quanto por e-mail, e etc. Toda esta articulação é uma estratégia de permanência e incentivo aos estudos e à intervenção social em seus lugares (moradia, trabalho, lazer).

De acordo com Rocha e Martins (2014), o Integrar vem quebrando paradigmas na medida em que comprova que diferente do que muitos pensam de que os trabalhadores não são capazes de adentrar nas universidades públicas. Eles não somente são capazes como são potenciais transformadores sociais e interventores de suas comunidades, por serem trabalhadores e sujeitos que conhecem bem o campo de luta do dia a dia, do cotidiano, de batalhar pelas condições mínimas de existência. Isso nos faz pensar também que este público que está superando expectativas nos mais diversificados ambientes pode vir a transformar o ambiente acadêmico, tornando-o mais democrático e eficaz para a sociedade como um todo.

Acredita-se aqui que o investimento público depositado no meio universitário deve ser revertido para a sociedade, para que o conhecimento científico construído lá não fique enclausurado nem seja elitizado, mas ultrapasse os muros da universidade.

A educação geográfica no Integrar

A metodologia adotada para o ensino de geografia no Integrar é aquela que considera o diálogo³ um construtor de conhecimento, partindo dos saberes prévios dos/as estudantes, para que se propicie a “ampliação dos saberes dos trabalhadores estudantes.” (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 02). Ainda de acordo com os mesmos autores:

Como estratégia metodológica, busca-se trazer os saberes dos estudantes trabalhadores, que tem uma vivência no mundo do trabalho, e podem contribuir com o debate e construção do conhecimento em sala de aula.

³ Diálogo para Paulo Freire em “Extensão e Comunicação”: “E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não *sloganizar*. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “sêres para outro” por homens que são falsos “sêres para si”. (FREIRE, 1985, p. 28)

Entendemos que dar voz aos estudantes, faz com que os mesmos participem mais das aulas e se apropriem dos conhecimentos, desenvolvendo assim suas habilidades. (IBIDEM, 2014, p. 08).

Portanto, a estratégia adotada para atingir os objetivos do Integrar nas aulas de geografia é a de promover a participação dos/as estudantes nas discussões que são debatidas durante as aulas. Dessa forma, os/as educadores/as podem conhecer melhor os estudantes e utilizar linguagens e atividades que valorizem os saberes cotidianos dos mesmos. Com isso, a disciplina de geografia dá conta do objetivo de estabelecer relações dos estudantes com seu cotidiano e com o mundo do trabalho. Portanto, a metodologia adotada permite que os educadores facilitem a compreensão dos conceitos e conteúdos geográficos, de modo que os/as estudantes consigam por si só pensar nas relações com seu cotidiano, com a sua vida, com seus lugares, e assim se promova o aprendizado a partir do pensamento, da construção do conhecimento que se dá em grupo, no coletivo.

A geografia entra na sala de aula como mediadora de transformações relevantes para o contexto individual dos sujeitos, pois segundo um dos educadores de Geografia e idealizadores do Integrar: “propomos assim, a construção de mecanismos participativos que transformem e ressignifiquem a realidade dos estudantes.” (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 08). Mecanismos estes que constituem os desafios da prática da docência dos/as educadores/as que desejam trazer mudanças transformadoras no cotidiano dos/as estudantes. Estes mecanismos participativos fazem parte da metodologia adotada por cada professor/a em cada aula, para cada conteúdo que é trabalhado, pois cada assunto tem suas particularidades e formas de ser discutido, cabe ao/a professor/a conduzir e mediar estes processos que promovam o pensamento crítico e autêntico dos sujeitos, que possibilita o desenvolvimento intelectual e a transformação da realidade através das atitudes propositivas.

A partir da apropriação dos conteúdos geográficos e de sua conseqüente reflexão, ou problematização, ampliam-se as possibilidades de pensamentos mais complexos, mais abrangentes, mais profundos que dizem respeito ao espaço, em todas as suas categorias de análise, política, social, econômica e etc. Dessa forma as aulas de geografia promovem mudanças no pensamento e na conseqüente ação dos/as estudantes, como afirma um dos educadores do Integrar: “Buscamos ajudar os estudantes a lerem o mundo atual, a fim de que o mesmo possa construir outros mundos possíveis.” (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 09).

A Educação geográfica com a promoção de aulas participativas e dialógicas se constitui como uma disciplina e ciência que possibilita a democratização das relações

humanas e sociais a partir do pensamento, da reflexão e da ação. Neste sentido, é fundamental ao/a educador/a manter-se atualizado/a, atento/a ao mundo que está em constante e interminável mudança. Este dever faz parte da profissão do/a educador/a de geografia.

O ensino de geografia e a geografia do lugar

A Geografia enquanto ciência desde sua sistematização no início do século XIX assentada sobre bases positivistas, forjada num processo de consolidação do sistema capitalista alemão, possui uma constante variável em seu objeto de estudo. Ora o conhecimento científico geográfico estava ligado ao levantamento de dados físicos espaciais pautados numa visão determinista⁴, ora se tentava presumir e legitimar divisões de áreas em um período capitalista de expansão territorial sob um pretexto possibilista⁵ (ANDRADE, 1987). Sob estas perspectivas adotam-se e alteram-se o objeto de estudo, sendo ele desde a superfície terrestre, a paisagem, os lugares, o espaço geográfico até a relação homem-meio, homem-natureza. Pode-se dizer que tanto o objeto quanto a metodologia adotada são proporcionais à intencionalidade do geógrafo e são tão múltiplas e ao mesmo tempo singulares quanto forem as intenções. Segundo Moraes:

A sistematização da Geografia, sua colocação como uma ciência particular e autônoma, foi um desdobramento das transformações operadas na vida social, pela emergência do modo de produção capitalista [...] a geografia foi na verdade um instrumento da etapa final deste processo de consolidação do capitalismo. (2005, p. 41).

A Geografia como ciência tem seu berço na Alemanha ainda não unificada, onde surgem as primeiras cátedras e faculdades. Mais tarde surge a disciplina institucionalizada nas escolas. O afã deste país ainda em consolidação em expandir seu território e garantir colônias deu à Educação geográfica um caráter herdado até hoje. O ensino de geografia persuasivo, ditatorial, pautado no empirismo lógico, na necessidade de dominação dos povos não-civilizados, diga-se não europeus, elitista, exclusivo, voltado para interesses político-econômicos tem suas raízes na insígnia do capital. Pode-se dizer que o ensino de geografia nasceu em decorrência deste panorama econômico,

⁴ Ratzel propôs uma geografia centrada na relação homem-natureza, onde o território é determinante para o progresso da sociedade e o Estado está acima da própria sociedade, legitimando o poderio militar e o expansionismo bismarckiano.

⁵ Possibilismo geográfico é uma corrente do pensamento geográfico baseada nas formulações de Vidal de La Blache que prega a possibilidade da sociedade em atuar no meio, se adaptando e transformando a natureza de acordo com suas necessidades.

para se atingir metas capitalistas, de imperialismo e colonização. Era necessária a educação geográfica nas escolas para que, os/as estudantes, desde jovens, tomassem conhecimento da hierarquização entre povos, que a desigualdade social era natural e necessária, e o território era pertencente aos mais fortes e influentes.

Yves Lacoste escreve em 1976 o livro cujo título é autoexplicativo "*A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*". Uma obra preponderante da chamada Geografia Crítica, onde o autor destaca o papel desta ciência como estratégia geopolítica, para dominar o espaço, muito utilizada (ciência geográfica) militarmente e pelos grupos imperialistas, dominantes, e menos utilizada (muito pouco) pelo povo oprimido para pensar o espaço como palco de transformação social e luta, ainda que já esteja sendo utilizado. Ele chama a atenção para a possibilidade de se pensar o espaço e nele atuar eficazmente, o que acontece muito pouco por parte dos educadores/as de geografia e geógrafos, é pouco explorado visto as imensas possibilidades das quais o espaço dispõe a uma sociedade majoritariamente pobre.

A Educação geográfica, como qualquer ato educativo, tomado aqui como construção de conhecimento, se dá a partir da relação com o outro, em todo e qualquer ambiente, seja ele intencional ou não, repressivo ou libertador, formal ou não formal, reflexivo ou acrítico, ou seja, ela acontece de uma forma ou de outra, mas acontece, é natural. A Educação geográfica diz respeito ao pensamento em relação ao espaço, ao local onde se vive, aos acontecimentos sociais e físicos, é uma reflexão, mas também é ação (LACOSTE, 1976).

Os/as educadores/as de geografia através do processo de construção de conhecimento tem a possibilidade de romper com esta cultura geográfica de legitimação da sociedade classista e do sistema hegemônico universal se tornando divisores de águas entre o ensino geográfico tradicional prolixo e aquele emancipador, libertador, que norteia a autenticidade de pensamento. É claro que isto só é possível (e provável) quando a formação do professor permite sua própria emancipação, o que no Brasil só foi possível depois do longo período de ditaduras militares no século passado. Apesar das resistências, a Educação não conseguia/podia ser libertadora.

A possibilidade de realizar conexões entre os conteúdos trabalhados em sala com a vida, o cotidiano, os hábitos, dos estudantes é uma das maiores riquezas inerentes à Geografia, e é dessa forma que o pensamento geográfico pode libertar um sujeito de uma realidade antes estabelecida, concreta e até mesmo estagnada. O entendimento da influência que possui o sistema capitalista com toda sua complexidade em pequenos acontecimentos cotidianos e o inverso da mesma maneira permite ao indivíduo notar em

si e ao seu redor toda importância e valor que carrega com pequenas atitudes aparentemente insignificantes perante a sociedade.

Os/as educadores/as da geografia vão se deparar em sua prática docente, com conceitos cotidianos e científicos constantemente em seu discurso e na fala dos estudantes. Os conceitos cotidianos são construídos socialmente e culturalmente, e incorporados pelos sujeitos através da experiência, enquanto que os conceitos científicos são construídos intencionalmente pelos intelectuais e tem relação com o conhecimento acadêmico. Segundo Ribeiro, “Os conceitos cotidianos são estabelecidos no convívio cultural, são formados a partir de vivências e observações do mundo. Os científicos passam pela elaboração intencional dos indivíduos do grupo cultural e estão relacionados ao saber.” (2011, p. 31).

Ainda, segundo Ribeiro (2011, p. 31-32), os “conceitos cotidianos e científicos não estão isolados, mas influenciam-se reciprocamente. Transferir o conceito é impossível e o papel do professor é utilizá-lo em diferentes contextos nos quais o sujeito possa vir a compreendê-lo”. Portanto, conceitos científicos não tem importância se não forem contextualizados e compreendidos, da mesma forma que apenas discussões cotidianas não representariam o modelo ideal de aula de Geografia. É preciso relacioná-los e construir pensamentos e conhecimentos a partir desta atividade que é o desafio do educador. É preciso saber desmistificar o que se acha banal, justamente aquilo que é rotineiro, e a partir daí conectar com a ciência geográfica. Neste processo, com participação dos estudantes, considerando suas realidades, seus lugares, valorizando aquilo que pareceria banal, se constrói conhecimento e propicia-se o pensamento emancipado e novo.

Desta forma, o ensino de geografia constrói, destrói e reconstrói identidades. Permite que sujeitos se reconheçam e se valorizem perante o mundo. Esta ciência é potencialmente uma transformadora social e com isso, espacial. Possibilita um processo de construção de uma nova configuração e morfologia espacial, mais justa, democrática, igualitária, humanamente possível. Neste sentido, se faz necessário uma breve reflexão sobre a geografia do lugar para que se possa dar prosseguimento às análises da pesquisa realizada com os estudantes.

O conceito de lugar, como qualquer outro conceito, sobrevive em metamorfose e é utilizado por todos repetidamente nos discursos, sem que haja um consenso com exatidão para isso, pois nos parece óbvio seu significado, e mesmo que assim seja, é fundamental discutir o que é afinal o lugar, qual sua dimensão, o que se entende por esse conceito ou categoria tão comumente, amplamente utilizado no ensino de Geografia.

Lugar, de acordo com a Geografia Humanista, é o espaço ocupado pelas pessoas, permeado de vivências que conferem afetividade por parte do sujeito que o ocupa. O que o caracteriza como Lugar é a experiência humana carregada de emoções. (CARLOS, 2007)

Yi Fu Tuan (1983) diz que se pode fazer uma analogia entre o sentimento de segurança com o lugar e o de liberdade com o espaço, pois o lugar é dotado de valor e afeto pelos animais (seres humanos e não-humanos), é onde se dorme, come, procria etc. Segundo Tuan (1983), “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (p. 01) Segundo este autor a segurança e estabilidade do lugar estão associadas a liberdade e movimento do espaço, um não existe sem o outro, são complementos, e cada “pausa” do espaço é uma possibilidade de criação do lugar. Ainda segundo o mesmo autor “(...) um lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos (...)” (TUAN, 1983, p. 03).

Carlos (2007) em “O Lugar no/do Mundo” diferencia o lugar, do município, da cidade, da metrópole, dizendo que o lugar é a porção de espaço vivido, dotado de afetividade, apropriado pelo corpo, e sua dimensão pode ser o de uma rua, um bairro ou uma praça, depende do modo como o sujeito se apropria do espaço e o vivencia. Enquanto um município, um bairro, etc. são independentes dessa subjetividade humana, individual e perceptiva, pois são delimitações territoriais políticas. O lugar (e os lugares) é significado pelo uso que dele faz o indivíduo, se não há, é uma rua, uma loja, um campo de futebol. Ninguém vivencia todo o espaço de uma metrópole, portanto ela não pode ser considerada um lugar, mas é constituída certamente de inúmeros lugares. Os espaços são apropriados através do corpo por onde se locomove, trabalha, habita, se distrai, se comunica, se exercita e se tornam lugares, de lazer, de convívio com a vizinhança (mercado, igreja, escola etc.), de estudo, de trabalho, etc. Para Carlos “podemos buscar o entendimento do lugar nas práticas mais banais e familiares o que incita pensar a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se instala no insignificante, no parcelar, no plural.”(2007, p. 20)

Segundo Pádua (2013): “Todos os lugares são pequenos mundos que dependem da experiência e da emoção humana para se revelarem”. (p. 50). Ou seja, o lugar só existe quando há experiência e emoção dos sujeitos em relação a um espaço, então ele se torna um lugar.

O lugar é reflexo da práxis de dada comunidade no cotidiano, mas também se constitui num processo temporal - ou histórico – local, que é produto dos “componentes

universais da história. Isto é, embora na escala local raramente sejam visíveis as formas e conteúdos dos grandes processos históricos, ele ganha sentido por meio deles quase sempre ocultos e invisíveis [...] é no âmbito do local que a história é vivida e é onde pois tem sentido” (MARTINS, apud CARLOS, 2007 p. 20). Portanto, é importante que se considere a dimensão tempo na conjuntura do lugar, pois a história em escala mundial e local interfere no seu processo de constituição. Segundo Lisboa (2007), “cada pessoa terá um lugar diferente da outra, na medida em que ambas possuem vida e cotidiano diferentes. O lugar possui também íntima relação com os aspectos culturais que marcam cada sociedade.” p. 30).

A relevância de se compreender as implicações que tem o lugar na vida dos estudantes é maior do que ensiná-los o significado do conceito, pois cabe ao educador geográfico reconhecer os lugares aos quais pertencem os sujeitos que dividem a sala de aula. A partir de suas realidades, dos espaços que percorrem no cotidiano, é possível construir conjuntamente o processo do conhecimento, partindo do pressuposto de que a Geografia só faz sentido se for sentida, vivida, experimentada e, acima de tudo, compreendida. De nada serve uma Geografia que não incite o pensamento, a emancipação e a libertação. O objetivo da Geografia do Lugar no ensino de Geografia é tornar o processo educativo mais democrático e inclusive transformador, pois ao reconhecer as desigualdades impostas como antidemocráticas, inexoráveis e excludentes é possível além de pensar, agir, unir a teoria com a prática. Neste sentido, a Educação geográfica também vem possibilitando um pensamento para si mesmo, uma reflexão pela conduta, pela ética, visto que as atitudes do cotidiano se refletem num contexto maior, na sociedade e dinâmica capitalista, e vice-versa.

A Geografia do lugar sob uma perspectiva do ensino de Geografia Humanista permite ao/a educador/a utilizar metodologias que valorizem o saber prévio dos/as estudantes, partindo daquilo que é conhecido, que faz parte do cotidiano, e permite que o processo de construção de conhecimento seja conjunto e não individual, autoritário, que valoriza somente os saberes do/a educador/a. Ao estudante cabe participar dialogando com todos sobre seu cotidiano e seus saberes. Ao/a educador/a cabe possibilitar a fala de todos e valorizar os saberes prévios, considerando que não há apenas uma perspectiva de mundo, de sociedade, mas vários modos de ver o mesmo mundo.

Vale ressaltar que a Geografia do lugar no ensino de geografia leva em conta as afetividades, o que pode variar um pouco a ideia que cada estudante tem da mesma cidade, ou bairro por exemplo. Cabe então, trabalhar o conceito geográfico de Lugar de

maneira ética, para que a Geografia eduque não somente para o pensamento, mas também para a postura. Acredita-se numa educação que possa contribuir na melhoria de vida dos/as estudantes, que permitir um pensamento autêntico que leve à postura ética e transformadora num contexto de sociedade que clama por melhores condições de existência. O ensino de Geografia é visto por nós como potencial ferramenta de libertação e emancipação intelectual e política, sobretudo da grande parcela da população marginalizada e oprimida pelo sistema de produção capitalista.

As aulas de geografia vivenciadas no Integrar

Iniciamos o primeiro semestre de 2015 participando das aulas de sexta-feira a noite no Integrar, observando durante todo o período de três horas as aulas de ciências humanas, que incluem Geografia, História, Sociologia e Filosofia.

Desde o primeiro dia de observação constatei uma estratégia de discurso, nos mais diversos educadores/as, que é a motivação. Importante por vários motivos, mas em especial pela facilidade com que os/as estudantes desistem do curso, visto que as dificuldades da vida muitas vezes acabam falando mais alto. Estes discursos motivacionais aconteciam muitas vezes sutis, durante uma explicação do conteúdo, de debate, mas em alguns momentos era claro e objetivo: *“Não desistam, vocês vão conseguir entrar na universidade”*.

No início do curso as salas ficavam cheias, muitos esperançosos e repletos de expectativa, mas no decorrer das semanas, observei um enorme índice de evasão, superando os 50%.

Por este motivo, nos primeiros dias de aula e contato com a disciplina de Geografia os educadores propõem uma apresentação de todos os sujeitos, de forma oral e escrita, para que além da integração e compartilhamento, as aulas possam ser planejadas pensando no contexto de cada turma. Trago então alguns fragmentos das falas dos/as estudantes desta apresentação⁶: *“Eu odiava política, agora eu gosto por causa do Integrar”*, disse um rapaz que está cursando seu segundo ano no Integrar. Outro falou: *“Quero ser professor aí na frente, professor do Integrar. Eu quero fazer alguma diferença na sociedade.”* Um homem negro, alto, forte disse: *“Tive problemas com a lei, não quero ser uma má influência para minha comunidade. Sou um líder na minha comunidade”*. O próximo fragmento que trago foi comum em mais de cinco narrativas e por isso quero

⁶ As falas dos estudantes que são trazidas neste trabalho estão em modo itálico.

destacar que não teve unanimidade na cor da pele, na cor do cabelo, no gênero, no modo de falar: *“Eu pretendo ser o/a primeiro/a da minha família a entrar na faculdade”*.

Desde os primeiros dias de aula a questão do gênero no Integrar me chamou atenção, tanto nas aulas, em que os educadores procuram desconstruir paradigmas machistas construídos historicamente e culturalmente, como na quantidade de mulheres na sala (aproximadamente 60% da turma inicial), que em todos os dias que estive presente, nas aulas de sextas-feiras, elas eram maioria.

Uma jovem se apresenta e no fim de sua fala diz: *“O Integrar é uma porta, porque eles não abrem as portas pra gente, né?”* Se referindo à sociedade exclusiva da qual já falamos no capítulo anterior. “As portas” aqui significam as possibilidades que os/as trabalhadores/as não conseguem ter, portas que não se abrem sem questionamento, sem crítica, sem luta.

Estas narrativas e observações revelam o desejo em comum destes sujeitos: viver uma vida melhor do que a que se tem hoje, conquistar uma vaga em uma universidade pública, ascender socialmente, buscar condições de vida mais igualitária entre as camadas sociais (já que extinguir as classes é uma tarefa tão difícil e ainda distante). Alguns deixam claro que querem ajudar suas famílias e ser exemplo para outras pessoas, etc..

Uma característica presente na atuação de todos os educadores de sexta-feira, é o bom humor. Um traço muitas vezes pessoal, mas também visto por mim como estratégia, uma forma escolhida de fazer uma aula ser mais interessante, de manter os estudantes atentos, concentrados e interessados, para tornar o momento dinâmico, agradável e descontraído. Não há formalidades, nem rigidez, mas há muito respeito. Também há muita divergência de ideias, de pensamentos, mas existe um clima de diálogo e aprendizado com estas diferenças, ainda que muitas opiniões continuem as mesmas, por vezes enrijecidas.

Outro ponto importante de ser citado é a forma de tratar um tema pelos educadores do Integrar. Muitas vezes as aulas são iniciadas com apresentações de algum acontecimento que tenha sido exibido na mídia, ou algo que esteja em alta nas conversas cotidianas, ou até mesmo algo que conhecemos pouco e os educadores querem desmistificar, desbanalizar, como por exemplo, os grupos indígenas. Em uma determinada aula de história, o educador começou discutindo sobre a forma de organização das comunidades indígenas, de uma maneira geral, sem entrar nas especificidades de cada grupo, depois ele entrou no tema de teorias de contrato social, os três poderes e etc. Em determinado momento, chegou ao ponto de perguntar para a

turma (provocando automaticamente o pensamento autêntico): *“Os indígenas não trabalham o dia todo, não lutam pelo dinheiro como nós, são saudáveis, tem tempo para descansar nas redes, tem suas famílias, não enriquecem nenhum patrão, enquanto nós, trabalhamos o dia todo, não descansamos, e ainda os consideramos inferiores, não-civilizados, mas quem será vive melhor, quem é mais inteligente?”* Dessa forma, além de tornar o conteúdo mais claro, de mais fácil compreensão, se desconstrói ideias enrijecidas a respeito daquilo que não conhecemos de perto, que ouvimos falar, pela televisão, pela escola, como é o caso indígena. Podemos dizer que o Integrar traz novas perspectivas. Diferentes daquela que temos desde a infância, a mesma da TV, da escola, do senso comum (que permeia o saber popular dos nossos lugares).

Em uma das aulas de geografia acompanhada ainda no primeiro semestre de 2015 o professor fala sobre alguns movimentos populares, como dos sem-teto, dos exemplos de resistência, de ativismo, militância, e com muita veemência defende a luta dos trabalhadores por seus direitos. Noto com isso que a turma fica mais participativa, mais alerta, e mais interessante. Alguns comentários muito afirmativos revelam isso: *“O Estado funciona pra Elite”* e *“Ordem pra nós, progresso pra eles”*.

Os educadores de todos os componentes curriculares que lecionam nas sextas-feiras costumam recomendar filmes e livros que se relacionam com o tema da aula. Incentivam o uso destes materiais como forma de estudo também.

Ao fim de uma das aulas que tratava sobre o tema: *“América, colonização, escravidão, posse da terra, exploração, independência, revoltas e etc.”* o professor falou: *“Um outro mundo é possível”*. Se referindo à possibilidade de mudarmos nossa realidade atual, visto todas as conquistas que já houveram na história com a luta de povos oprimidos. E aí um estudante complementa: *“Um outro mundo já existe”*.

Percebi no decorrer das semanas que a sala fica cada vez mais vazia. E a diferença de gênero só se acentua. Cada vez menos homens e mais mulheres. Cada vez menos participação nas aulas, muitas feições de cansaço e desânimo. Os educadores, entretanto, se desdobram para que as aulas sejam dinâmicas e participativas para agitar a turma. Os educadores trazem para a sala as notícias sobre a luta do Integrar pelo direito dos estudantes ao passe estudantil, os convocam para participarem dessa busca por direitos. Detectamos nas conversas e observações que muitos desistem, entre outros motivos, pelas dificuldades financeiras em se manter toda noite com a locomoção para a aula.

Uma determinada aula se inicia com um questionamento de um estudante sobre um tema em alta na mídia: a terceirização. Partindo daí a aula foi dedicada inteiramente

ao tema de atualidade sobre a questão da política brasileira. Inclusive, foi discutido o passado recente da política brasileira, outros partidos no poder, a atuação do Congresso, etc. Enquanto era explicado sobre o conceito da terceirização alguns comentários surgiam como: *“Mas parece com trabalho escravo!”* e *“Como assim perderemos os nossos direitos?!”. Estas aulas são sempre muito participativas, com muito debate e construção de conhecimento no coletivo. Percebo que quando se trata de temas atuais, que estão em pauta e na mídia, os estudantes ficam mais atentos, ninguém dorme, ninguém toca no celular, mal piscam os olhos. O professor incita a ação, a luta, e o conhecimento dos direitos a partir da leitura da Constituição Federal. Ele utiliza uma linguagem comum a todos, fácil, acessível, cita o facebook: “Vamos escrever mais, chega de só curtir e compartilhar”.*

Em um dia de muita chuva conversei com um estudante e questionei-o sobre o que ele pensava a respeito das aulas de ciências humanas, que ocorriam nas sextas-feiras e sua fala foi a seguinte: *“Sexta-feira é o melhor dia lá, eu nunca falto, mesmo em dia de temporal como hoje. Minha mãe nem acredita que eu saio de casa toda sexta-feira à noite para ir para aula... É muito legal... Eu tenho vergonha de quem eu era antes, das coisas que eu falava, eu não acredito que eu pensava antes daquela forma. Mesmo que eu não passe no vestibular, já valeu muito a pena...”.*

Desta forma iniciamos a última parte deste artigo, que trata da questão inicial: há influência na visão de mundo e sociedade dos estudantes em decorrência do processo educativo que vivenciam nas aulas de geografia no Integrar?

Resultados obtidos com a aplicação dos questionários

Ao todo foram aplicados vinte e nove questionários, ou seja, o total de uma turma com vinte e nove estudantes (o mês de aplicação foi em outubro/2015).

O questionário foi composto por três questões fechadas e uma aberta. A análise dos questionários será iniciada com as questões fechadas, dessa forma faremos uma análise quantitativa primeiramente, dando uma ideia do panorama encontrado pela pesquisa. Posteriormente, será analisada a questão aberta. A primeira questão e seus respectivos resultados foram: 1- As aulas de geografia do Integrar influenciaram em sua forma de pensar o mundo, a sociedade?

Tabela I – Resultado parcial da pesquisa: questão 01

Completamente, vejo o mundo hoje de outra forma bem diferente.	11
Bastante, em vários aspectos mudei o pensamento.	14
Regular, em poucos aspectos mudei o pensamento.	04
Não, continuo vendo o mundo exatamente sob o mesmo ponto de vista.	00

A partir do resultado contido nesta tabela de número um podemos afirmar que dos vinte e nove estudantes que participaram da pesquisa, a maioria – quatorze -afirmam que as aulas de geografia do INTEGRAR influenciaram em sua forma de pensar o mundo e a sociedade “Bastante”, pois em vários aspectos mudou-se o pensamento.

Em segundo lugar, onze estudantes afirmaram ter mudado seu pensamento completamente em relação ao mundo e sociedade, decorrente das aulas de geografia vivenciadas no Integrar. Quatro estudantes afirmaram que esta influência foi regular, pois em poucos aspectos mudou-se o pensamento. E, por último, nenhum estudante afirma não haver mudança no pensamento.

Consideramos um resultado importante e significativo, pois todos os estudantes passaram a pensar o mundo e a sociedade de outra forma, ainda que quatro afirmam que a mudança foi pequena. Diante disso, acredita-se que as aulas de Geografia têm contribuído para uma mudança de pensamento nos estudantes. Provavelmente, isso está relacionado aos espaços de diálogo e reflexão a respeito do mundo que vivem. Mas temos que destacar que talvez muitos já tivessem uma ideia crítica e reflexiva do mundo antes mesmo de entrarem no Integrar.

A segunda questão e seus respectivos resultados foram: 2- As aulas de geografia do Integrar influenciaram em suas atitudes no seu cotidiano?

Tabela II – Resultado parcial da pesquisa: questão 02

Completamente, mudei de atitude e discurso em relação a coisas que não concordo mais.	08
Bastante, tenho atitudes hoje mais conscientes.	17
Regular, em alguns momentos sinto necessidade de mudar de atitude.	04
Não, não mudei minhas atitudes em nenhum aspecto por causa das aulas de geografia do Integrar.	00

Nesta segunda questão, referente as atitudes que supostamente foram influenciadas pelas aulas de geografia do Integrar na vida dos estudantes, podemos

afirmar que a maioria deles, dezessete, respondeu que foram bastante influenciados, e passaram a ter atitudes mais conscientes. Em segundo lugar, oito estudantes afirmaram terem sido influenciados completamente, pois mudaram de atitude e discurso em relação a muitas coisas. Em terceiro lugar, quatro estudantes afirmaram que a influência foi regular, pois em alguns momentos sentem necessidade de mudar de atitude. Nenhum estudante revelou não haver influência nenhuma em suas atitudes.

Consideramos um importante e positivo resultado, visto que todos afirmaram ter mudado de atitude em alguma intensidade por causa das aulas de geografia do Integrar. Vemos que o Integrar não provoca apenas a reflexão e o pensamento, mas a ação em decorrência deste ato cognitivo, abstrato e etc.

A terceira questão e seus respectivos resultados foram: 3- As aulas de geografia do Integrar influenciaram na sua relação com o trabalho?

Tabela III: Resultado parcial da pesquisa: questão 03

Completamente, penso e atuo no meu local de trabalho de outra forma bem diferente.	09
Bastante, penso e/ou atuo hoje de outra forma um pouco diferente.	12
Regular, penso e/ou atuo, algumas vezes, pouco diferente.	06
Não, minha relação com meu trabalho continua exatamente a mesma, independente do Integrar.	02

Percebe-se que na terceira questão, doze estudantes responderam que as aulas de Geografia influenciaram bastante na sua relação com o trabalho. Nove responderam que as aulas influenciaram completamente. Entretanto, nesta questão diferentemente das anteriores, destacam-se respostas “não”, ou seja, não houve mudança, neste caso nas relações com o trabalho dos estudantes. Sendo seis estudantes respondendo uma influência “regular”, pouca mudança, e dois responderam que “não” aconteceu mudança nas relações de trabalho com as aulas de Geografia.

Acredita-se que a mudança na relação com o trabalho é mais difícil do que uma mudança no pensamento e atitudes como um todo, pois as relações de trabalho no sistema capitalista tendo como perspectiva o/a trabalhador/a, envolve uma relação vertical, ou seja, de cima para baixo, muitas vezes autoritária e coercitiva. A mudança por parte da classe subalterna sem articulação coletiva, neste caso os trabalhadores, muitas vezes pode resultar em demissão e isso é o que leva a massa de empregados terem receio em questionar, exigir, reclamar e etc.

Após estas questões fechadas, foi colocada uma questão aberta.

Para fazermos uma análise dessa parte do questionário, onde as respostas são discursivas, portanto muito amplas e repletas de especificidades e peculiaridades, de acordo com o que cada estudante respondeu, optamos por trazer aquelas que mais nos chamaram atenção, que possuem diferentes enfoques, para não mascarar, nem ocultar, nenhum dado desta pesquisa. Fizemos esta escolha na questão de número quatro, pois não seria adequado apresentar todas elas.

A quarta e última questão foi a seguinte: 4- Como as aulas de Geografia do Integrar influenciaram/influenciam no seu modo de ver e compreender o mundo (sociedade, relações de trabalho, lugar de moradia, de lazer, etc.)? Traremos agora aquelas respostas com relatos dos estudantes⁷ que se destacaram ao olhar da pesquisadora:

“Fortaleceu aquilo que eu já acreditava, me tornando uma pessoa mais questionadora”. Esta resposta revela que as aulas de geografia do Integrar vieram fortalecer suas ideias, não modificando intensamente sua compreensão do mundo.

“Não temos que aceitar tudo que nos é imposto, temos direitos e devemos lutar por tal. Vivemos em uma sociedade desigual, a qual quem tem forte poder econômico acaba vencendo, e que temos que mudar essa situação. Me fez parar para analisar, no meu trabalho por exemplo, o porque as pessoas abusam do poder e como as pessoas acabam se achando inferiores por não terem um diploma. Não podemos pensar que somos inferiores, julgar menos as pessoas e tentar compreender o porque elas se encontram em determinadas situações. O Estado não atua como deveria”.

Esta escrita revela que, apesar de não responder se houve ou não houve mudança, nem de que forma houve uma suposta influência no pensamento e no modo de ver o mundo, notamos pelo texto que a resposta foi qual o modo de ver o mundo.

“Que não devemos pensar somente em nós, temos que viver em sociedade”. Vemos aí uma prova da concretização da proposta de ensino de geografia do Integrar, que é de desenvolver uma consciência de mobilização pela coletividade contra o individualismo, que se traduz no pensamento deste sujeito.

“Influenciaram para compreender a sociedade de forma como ela é jogada na mídia, as pessoas estão cada vez mais sendo robôs, como lutar pelos direitos, se ao menos buscamos, que tal ler ao invés de mandar aquelas mensagens desnecessárias”. Pode-se compreender que a influência das aulas de geografia do Integrar está ligada a

⁷ Não faremos a identificação dos estudantes.

conscientização perante a manipulação midiática e a luta pelos direitos pela não-alienação, para que as pessoas não sejam “robôs”.

“Antes de interagir com as aulas de geografia, não entendia nada! Hoje vejo o quanto é importante esta matéria. Pois fala de tudo que nos cerca, foi assim que percebi que olhar o próximo faz toda diferença”. Esta resposta revela que as aulas de Geografia cumprem seu papel. São interativas, e não unilaterais, tornando muito mais fácil a compreensão e a consciência da importância desta área do conhecimento, uma ciência tão cotidiana. De acordo com o que foi falado, em nosso referencial teórico, a compreensão de conteúdos geográficos está ligado ao diálogo, ao debate, a construção de conhecimento em parceria com o outro.

“Me coloco mais nos lugares das pessoas, no trabalho eu me coloco mais em discussão de salário, atividades etc. Me fez entender o que leva a pessoa pensar daquele jeito em determinado assunto”. Destacamos esta resposta pela menção as relações de trabalho, e sua mudança de atitude e não apenas o pensamento. A luta através de discussões sobre condição salarial, atividades exercidas, é algo de fato muito reforçado nas aulas de geografia, e vemos que tem dado resultado através deste sujeito que mudou sua atuação no local de trabalho, que foi influenciado por uma conscientização promovida pelas aulas dialógicas de geografia.

“Sim me influenciaram bastante como por exemplo a crise, me abriu mais, escuto outras opiniões, digamos a interação para com as pessoas, assim como o porque como acontece enchentes aqui; granizo ali; calor de 40°C lá por aí vai... Abriu mais minha mente mas não só a geo assim como história; sociologia; filosofia; pois tudo está tudo junto e misturado”.

Este estudante mostrou como de fato ocorre a interdisciplinaridade do Integrar. Os sujeitos conseguem ver e fazer as relações entre os conteúdos das diferentes disciplinas, e de fato compreendem que tudo está “junto e misturado”. Além disso, podemos apreender desta resposta um desenvolvimento da postura em relação ao outro, ao respeito no ato da comunicação para que se estabeleça um diálogo, da mesma forma que este sujeito presencia e participa das aulas de geografia do Integrar. É interessante vermos como a Educação em sala de aula se dá de diversas formas, através de diversos meios, neste caso pela observação de todo o contexto, pelas atitudes dos/as educadores/as.

“Agora eu consigo olhar pra pessoas, pensando em sociedade ou comunidade, não só em mim, mas também nos outros, pois sozinho ninguém vive. Nós precisamos dos outros pra sermos muitas vezes felizes”. Não foi somente este estudante que fez apologia

ao coletivo, destacando que o individualismo faz oposição a ideia de comunidade, mas diferentemente das demais respostas, este deixa claro que precisamos uns dos outros, não somente para conquista de direitos, luta e etc., mas para nossa própria felicidade.

“Passei a observar melhor a distribuição social na cidade, distribuição de renda e o mais importante, a discutir comigo mesmo melhorias para o povo, comecei a levar adiante formas de nos tornarmos menos capitalistas”. Este estudante também não é único a mencionar o jeito de ser capitalista (ou consumista) como um problema, necessidade de ser mudado, e a desigualdade social. Neste mesmo ponto de vista segue a próxima resposta:

“Influenciaram a ampliação do meu senso crítico o modo de ver as coisas. Na sociedade mostrando que devemos ser parte dela contribuindo na luta por mudanças que permitam uma melhor distribuição de renda, que diminuam o preconceito racial e de gênero, que as pessoas marginalizadas pela sociedade possam ter acesso as políticas sociais; nas relações de trabalho contribuiu para um olhar voltado as questões trabalhistas, principalmente pelo papel da mulher; no lugar de moradia mostrando que a partir dai devemos mudar contribuindo nas necessidades e questões no bairro e das pessoas que nele vivem; no lazer nas saídas de campo para uma integração maior do grupo”.

Ressaltamos duas respostas similares no ponto de vista, mas com pontos diferentes a serem destacados, pois nesta última há mencionado a desigualdade racial, de gênero, as saídas de campo como integração do grupo, às questões do bairro que devem ser discutidas e pensadas, o que em nenhuma outra resposta encontramos. Esta percepção demonstra novamente um sucesso nos objetivos aos quais o Integrar procura atingir.

“O projeto nos ensinou a não acreditar em tudo que lemos ou assistimos e sim tirar nossas próprias conclusões sobre os assuntos”. Neste caso vemos a influência na conscientização em relação as informações prontas, a criticidade na leitura e ao assistir televisão. O Integrar não incita a revolta, mas ao pensamento, que através dele pode se tornar uma revolta – consciente e autêntica.

“Está me mostrando o que antes eu não conseguia enxergar, está mostrando que o mundo e o ensino não funciona bem como era ensinado lá no colegial”. Vemos esta resposta como um tipo de diagnóstico da Educação que se dá nas escolas. Enquanto o Integrar vem educar para um mundo real, cotidiano, o que os estudantes vivem.

“Ainda quando estava no terceiro ano do ensino médio ouvia dizer que o morador de rua estava ali porque queria mas nunca compreendi isto muito bem. Com as aulas de geografia entendi, tanto a parte social e econômica do porque ele morar na rua. Como existe ainda tantas pessoas pelo mundo passando fome e outras necessidades. Não consigo olhar para o meu trabalho da mesma forma que antes, mais uma empresa, vejo que é mais uma empresa com um grande capital, onde está bem visível a classe trabalhadora de todo o restante (apesar de quererem esconder isto) e que atende a um público alvo, e para permanecer com o nome no mercado fazem qualquer coisa. As aulas de geografia aprimoram o meu olhar crítico em todos os sentidos, principalmente, para corrermos atrás de nossos direitos e que não somos únicos na sociedade que passa pela mesma situação, mas sim um conjunto. Proporcionou um olhar mais humano com o próximo, a não criticar primeiramente (exemplo: é preguiçoso, não quer trabalhar) pois há outros fatores sociais que influenciam.”

Pode-se concluir com a análise desta questão que as aulas de geografia do Integrar, juntamente com as ciências humanas, lecionadas nas sextas-feiras, mudam de forma significativa o modo de pensar e de ver o mundo dos estudantes, assim como mudam também sua própria forma de ver a vida que acontece ao seu redor, no seu ambiente de trabalho, de deslocamento cotidiano e etc. São diferentes formas de escrita, de posicionamento, de gênero, etnia, mas todos deixam claro em certa medida que as aulas de geografia do Integrar despertam o ato de pensar e a consciência perante as atitudes do cotidiano, bem como em relação às grandes questões da vida, a maneira de olhar o outro, a forma de interpretar falas, textos, noticiários, a atitude em relação as injustiças sociais. Notamos com as respostas de modo geral, que existe um reflexo, um resultado, na proposta de ensino de geografia aplicada no Integrar.

Últimas considerações

Numa sociedade carente de iniciativas transformadoras, o processo educativo em geografia do Integrar vem trazer possibilidades não somente de ascensão social de jovens e adultos trabalhadores, mas de formação de interventores sociais.

Cria-se um contexto de luta por transformações e mudanças no quadro de desigualdade e exclusão nos mais diversos espaços, nas escolas, universidades, áreas de habitação, lazer, centros de saúde, etc. Estas transformações e mudanças são possíveis devido o trabalho de pensamento e reflexão em conjunto, em que todos podem se tornar interventores sociais através de suas atitudes cotidianas, diálogos em família, comunidade, lutas e reivindicações por condições de trabalho melhores e etc. Com a

entrada nas universidades essas possibilidades se ampliam na medida que o acesso ao conhecimento e maturidade intelectual crescem junto a maior articulação a projetos de extensão, de pesquisa e etc.

A Educação geográfica entra neste panorama como potencial transformadora social por lidar com o ato de pensar autenticamente e criativamente o espaço e seus constituintes. Ela trata constantemente temas de atualidades de forma muito dialógica e reflexiva, promovendo uma intensa participação da/entre a turma e interação com o/a educador/a. Além disso, temas da geografia física e cartográfica também são trabalhados de forma a estimular a reflexão e criticidade sobre a ciência envolvida.

Acredita-se ser pretensão enquanto seres humanos crer na ciência como detentora da razão absoluta, já que a própria ciência é criação humana. Sendo assim, não há neutralidade, não há ausência de pessoalidades, não existe possibilidade de estudo e reflexão longe de emoções, sentimentos e sensações. Portanto, os estudantes como próprios pensadores do espaço que habitam precisam ser valorizados como sujeitos inteiros, ou seja, repletos de experiências, memórias, afeições, emoções, etc. A Educação geográfica como processo de diálogo, respeito ao outro, pensamento autêntico, possibilidade de ação e transformação social só pode ser baseada numa corrente geográfica que leve em conta o fato de a verdade nunca estar pronta, ser tão mutável quanto a condição humana.

A partir das observações das aulas neste ano de 2015 a conversa com os/as estudantes e educadores/as, pode-se apreender que o enorme índice de evasão se deve ao cansaço do dia-a-dia de trabalho, locomoção, etc., da dificuldade financeira em se manter todos os dias a noite longe de casa, mas também por causa da conquista de alguns/as estudantes que passaram no vestibular e foram chamados no decorrer de dois mil e quinze, como também aqueles que foram aprovados no vestibular de inverno.

A proposta do ensino de geografia com aulas que partam do conhecimento cotidiano e desenvolvam para o científico através de diálogo e interação acontecem de forma muito semelhante na área da geografia humana, sendo um pouco menos participativa na geografia física. Existe um clima de tranquilidade nas aulas onde com descontração se trabalham os diversos conteúdos, e com total abertura para contribuições, questões, dúvidas e discordância em que de fato a maioria dos estudantes não se intimidam nem tem receio em intervir na aula. Percebemos que muitos discursos e posturas mudam com o decorrer no tempo em que estão no Integrar. Muitos passam a conversar mais, a participar mais das aulas e a ter opiniões diferentes ao final do ano.

A partir da análise do resultado dos questionários aplicados na turma de extensivo do Integrar, podemos tirar algumas conclusões, começando pelas questões fechadas: Em relação à influência das aulas de geografia do Integrar no pensamento dos estudantes em relação ao mundo e a sociedade todos afirmaram havê-la, do mesmo modo na influência em relação as atitudes cotidianas. A maioria dos estudantes, nas duas primeiras questões, responderam ter havido bastante influência, em segundo lugar muita influência, em terceiro; regular, e nenhum afirma não haver. Enquanto o resultado da terceira questão, no que diz respeito à influência das aulas de geografia no trabalho, mudou um pouco, manteve-se a maioria em bastante, seguido de completamente, depois regular e por último duas pessoas assinalaram não ter havido mudança nas relações de trabalho devido o ensino de geografia do Integrar. Acredita-se que esta diferença se dá pela dificuldade de mudança de um espaço por excelência hierárquico, onde os trabalhadores não podem facilmente mudar as relações sem riscos de desemprego e/ou coerção.

Com a análise das respostas abertas do mesmo questionário, questão quatro, podemos dizer que todos afirmaram haver uma influência positiva das aulas de geografia do Integrar em suas vidas, de alguma forma, em alguma intensidade, ainda que pequena. Trouxemos diferentes respostas com diferentes abordagens e tipos de escrita, deixando claro a partir delas que a geografia ensinada no Integrar facilita a compreensão do conteúdo porque parte da realidade concreta, de saberes cotidianos, de um mundo em que se vive, e não abstrato. Alguns comparam o Integrar com o ensino regular e dizem que hoje entendem muito mais a geografia e até gostam mais deste estudo, tem prazer em discutir conteúdos geográficos. Outros dizem que aprenderam a respeitar e ouvir o outro, ou seja, sabem dialogar, o que é fundamental na proposta do Integrar e na concepção de Educação tomada neste trabalho, e nesta pesquisa.

Pode-se elencar alguns aspectos centrais do ensino de geografia no Integrar, como: diálogo como construtor de conhecimento, valorização dos saberes prévios e cotidianos de todos os sujeitos, a construção de conhecimento como um processo democrático (natural a medida em que se valoriza e prioriza o diálogo), relações propostas pelos/as educadores/as entre o conteúdo científico e o cotidiano, bem como, com o mundo do trabalho (importante categoria para jovens e adultos trabalhadores), problematização sobre o espaço geográfico (o palco da humanidade) ou os lugares. Por tudo isso, pode-se considerar a Educação geográfica do Integrar como um convite ao pensamento, à reflexão, à autenticidade e autonomia.

Portanto, as aulas de geografia do Integrar através da Educação, em busca de Educação universitária acessível a todos, em busca de ampliar o potencial crítico e

reflexivo de sujeitos trabalhadores, em busca de contribuir com a sociedade para torná-la menos desigual, menos exclusiva, menos alienada, vem cumprindo sua proposta, têm influenciado na vida destes estudantes de modo que propicia a mudança através do ponto de partida fundamental que é o diálogo.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade:** uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** 1º ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1985
- LACOSTE, Yves. **A geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Trad. Maria Cecília França 1ª ed. Campinas, SP: Papyrus. 1976.
- LISBOA, Severina Sarah. A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Revista Ponto de Vista** – Vol.4. 2007.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia:** pequena história crítica. 20ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2005.
- PÁDUA, L. C. T. (2013). **A Geografia de Yi Fu Tuan:** essências e permanências. São Paulo. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia. 2013.
- RIBEIRO, R. De O. (2011) **Formação cidadã, juventude e trabalho:** a geografia na Educação de jovens e adultos (EJA). Goiânia - GO. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais. 2011.
- ROCHA, Kleicer Cardoso; MARTINS, Rosa Elizabete M. W.; Experiências da prática docente do professor de geografia na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) dentro do Projeto de Educação Comunitária Integrar. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: . Acesso em 01 de novembro de 2015.
- ROCHA, Kleicer Cardoso; MARTINS, Rosa Elizabete M. W.; Ensino de Geografia no Projeto de Educação Comunitária Integrar: diagnósticos e perspectivas do estudantes de EJA no processo do ensino geográfico. **Anais** do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória/ES, 2014.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. 1ª Edição. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido em 07 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 19 de novembro de 2016.